

EXPERIÊNCIAS DE TRADUÇÃO NA ERA DIGITAL

TRANSLATION EXPERIENCES IN THE DIGITAL AGE

Diogo Neves da Costa* (UFRJ/CAPES)

RESUMO: O presente trabalho tem como motivação básica identificar os percursos utilizados pelos tradutores para solucionar seus problemas tradutórios quando em posse de ferramentas digitais e *on-line*. E, a partir desta, pretende-se, então, definir possíveis ferramentas que possam auxiliar o tradutor iniciante a realizar uma tradução bem sucedida, além de seu aprimoramento como tradutor. É objetivo, ainda, determinar quais são as principais diferenças entre tradutores iniciantes e profissionais no que diz respeito ao uso das ferramentas digitais e *on-line*. Para tanto, neste trabalho, analisamos dois protocolos verbais, criados através da técnica de “falar alto” proposta por Ericsson e Simon, 1987, realizados por um tradutor iniciante e um tradutor profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Ferramentas Digitais e *On-line*. Protocolos Verbais.

ABSTRACT: This current paper brings as basic motivation the identification of the routes used by translators to solve problems in translating by the use of on-line and digital tools. And therefore, we intend to define useful tools to aid the neophyte translator to render a successful translation, beyond an improvement in the translation techniques. Our aim still is to establish the main differences in translations made by beginners and experts concerning the use of the aforementioned tools. Thence, in this paper, we have analyzed two verbal protocols, built through the loud thinking method proposed by Ericsson & Simon, 1987 and accomplished by amateur and professional translators.

KEYWORDS: Translation. On-line and Digital Tools. Verbal Protocols.

* Mestrando em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista CAPES. E-mail: diogoncosta@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A “World Wide Web” (WWW), criada em Genebra, mais precisamente nos laboratórios do CERN (Centro de Física de Partículas Nucleares Europeu), chamada aqui somente de *Web*, surgiu no final da década de 80 e se caracteriza por ser um sistema de hipermídia – conjuntos de várias mídias em suporte computacional – para recuperação de informações da internet (conjunto de computadores conectados de forma física).

Entretanto, é somente na década de 1990 que pesquisadores da Universidade de Illinois conseguiram criar um programa com características simples que permitiam aos textos, até então monocromáticos, ganharem cores e ainda, ao seu lado, exibir fotos, sons e movimentos: O navegador “Mosaic” (Póvoa, 2000, p. 12). Foi a partir de então que se deu início à popularização do acesso ao universo *on-line*.

Segundo Bonfim e Sampaio (2008 p. 1) essa primeira fase era intitulada de *Web*, e nesta fase os usuários eram meros receptores e pouco interagiam na construção do conhecimento. Ou seja, os usuários digitavam ou selecionavam aquilo que desejavam e a *Web* lhes fornecia a resposta, sem possibilidade de mudança, como um tradutor que ao buscar no dicionário impresso encontrava a informação sem a possibilidade de mudança ou interação com esta.

Atualmente a *Web* é intitulada de *Web 2.0*, na qual os sujeitos são ativos no processo de produção do conteúdo na rede (BOMFIM; SAMPAIO, 2008, p. 1). A proliferação dos *blogs*, o surgimento de enciclopédias abertas (onde o usuário pode alterar o conteúdo da página), sites como o *Youtube* (onde o usuário pode definir sua programação e também publicar seus próprios vídeos) e ainda as diversas redes sociais (*Orkut*, *Facebook*, *Badoo*, *SkyRock*, etc) são exemplos dessa nova forma de lidar com a *Web*. Na *Web 2.0* podemos dizer que o usuário é, além de “navegador”, um “construtor”.

O presente artigo é parte de nossa pesquisa de mestrado, em que buscamos definir quais são os percursos *on-line* traçados pelos tradutores para resolver seus problemas tradutórios e as motivações que levam os tradutores a optarem por ferramentas *on-line* em detrimento as demais (dicionários impressos e digitais). Para tanto, usamos o par linguístico português/francês, uma vez que este foi o par linguístico de formação, tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos de pesquisa.

Neste trabalho, a partir da análise de dois protocolos verbais, que seriam a transcrição dos pensamentos dos tradutores, através da técnica de “pensar alto” de Ericsson e Simon (1987, p. 32-35), expostos ao pesquisador durante a tradução do texto pedido, iremos refletir sobre a nova realidade do tradutor quando em posse das ferramentas digitais

e *on-line* e observar se de fato, como afirmam Evans e Nations (1993), a Tecnologia seriam apenas “coisas” tecnológicas sem sentido se seu usuário não tiver um “saber-como” usá-las.

1 OS SUJEITOS DE PESQUISA

Expomos, então, a análise de dois protocolos, o primeiro de um tradutor inexperiente, mas que havia trabalhado como estagiário de uma empresa de tradução durante um ano e meio e será chamado aqui de Tradutor B. O segundo sujeito é um tradutor experiente, conceituado no mercado de tradução e com diversas traduções devidamente publicadas. Ele será chamado aqui de Tradutor A.

Foi pedido a estes dois tradutores que traduzissem um texto retirado do jornal *Le Monde* intitulado “Les nageurs tricolores ne digèrent pas l'incroyable final du 4 × 100m” (Os nadadores tricolores não digerem a inacreditável final do 4x100m).

Esta reportagem foi publicada no dia 11 de setembro de 2008 e relata a derrota dos franceses pelos americanos por milésimos de segundo. O texto foi escolhido por se tratar, acreditava-se, de um tema recorrente ao cotidiano da maioria dos brasileiros (os jogos olímpicos de Pequim) e apresentava certas estruturas que dependeriam de uma maior competência dos tradutores, tanto na língua de origem, quanto na língua de tradução para a realização da tradução do texto. Sendo assim, teriam maior possibilidade de se tornarem problemas tradutórios.

Cabe ainda ressaltar que por adotar uma perspectiva interpretativista, antes da realização da tradução, apresentamos um questionário aos sujeitos de pesquisas no intuito de definir suas contingências sócio-histórico-culturais, permitindo criar hipóteses sobre os fatos observados na pesquisa.

Através desse questionário foi averiguado que o tradutor B se encontrava no sétimo período da Faculdade de Letras, lecionava aulas no CLAC (Curso de Línguas Aberto à Comunidade) da UFRJ e, ainda, em outro curso de línguas da rede privada de ensino de idiomas. O tradutor B disse ler diariamente jornais franceses e brasileiros, além de adorar pesquisar novas fontes para auxiliá-lo durante a preparação de suas aulas, assim como para levá-las a seus alunos.

Quando questionado sobre seus conceitos de tradução, este informante revelou que considera que uma tradução seria dizer na língua traduzida aquilo que se disse na língua de origem, mas nessa transposição não deveria haver marcas que indicassem que o texto foi traduzido. O texto deveria parecer um texto criado por um autor da língua traduzida:

“- Acho que vai variar com o documento que eu to traduzindo. Em geral eu diria seria dizer na língua alvo aquilo que a pessoa disse na língua de partida, mas essa nova tradução não pode parecer um texto traduzido, seria como se fosse um texto produzido por aquela pessoa que fala aquela língua. Nativo”

O tradutor B demonstra ainda que, na sua perspectiva, o gênero textual influencia nas escolhas do tradutor. A partir desta afirmação podemos criar algumas expectativas em relação às escolhas que o tradutor faria durante a tradução (que pôde ser refutada ou não a partir da análise do protocolo): (I) o tradutor pretende se afastar mais do texto de origem em detrimento do texto traduzido e, também, (2) suas escolhas seriam pautadas, a partir do gênero textual a ser traduzido.

Ao ser questionado sobre o que seria uma boa tradução ele enumera características do texto traduzido que pode defini-lo como bem ou mal traduzido:

“Que usa a menor quantidade de aspas possíveis. Que não use muitas notas de rodapé, mas a nota de rodapé depende do objetivo. Um texto literário fica feio, mas se for científico pode ser pra explicar. E também o texto que não indique que foi uma tradução, por exemplo, estrutura: marcas de estrutura que foi traduzido da língua mãe, na língua final. Principalmente marcas de estruturas e até às vezes de uso. Usar a palavras de uso da língua alvo. Às vezes você tem uma palavra que ao pé da letra significa isso, mas não fica legal porque não é bem usado. Tem que fazer uma adaptação mesmo.”

O tradutor B, mais uma vez, chama a atenção para a importância de levar em consideração o gênero discursivo. Sendo este um texto jornalístico, podemos dizer, a partir de uma interpretação do que foi dito pelo sujeito, que esse texto será mal traduzido se: (I) houvesse muitas aspas, (II) se houver marcas de estruturas influenciadas pela língua de origem ou escolha de palavras que, apesar de existirem na língua traduzida, não são adequadas neste gênero discursivo.

E, ao ser questionado sobre o que seria um bom tradutor, o sujeito enumera algumas características de um bom tradutor:

“Acho que a pessoa que pesquisa muito, que gosta, sente prazer em traduzir, que se interesse por outras línguas também, que goste, que tenha prazer em usar dicionário, gramáticas, que tenha também uma bagagem cultural extensa.”

A passagem acima, enunciada pelo tradutor B, faz referência às fontes possíveis de pesquisa para atualização de determinados conhecimentos, tanto ligados aos componentes linguísticos (dicionários e gramáticas) quanto referência à necessidade do tradutor ter conhecimento referencial, ou seja, conhecimento de mundo (bagagem cultural extensa).

Uma vez que o tradutor B já realizava traduções, foi questionado quais ferramentas ele costumava utilizar durante as traduções e observamos que o tradutor B dizia se valer “principalmente” da internet: “Principalmente internet. Os dicionários *on-line*. Por exemplo: “Tresor de la Langue. Os fóruns que ajudam muito a explicar o que você não entende. Principalmente pra pessoas como eu que não sou profissional.”

O que chama a atenção é que o tradutor B demonstra um “saber-como” em relação à internet, uma vez que, segundo ele, a *Web* é fonte principal de pesquisa.

O tradutor A, por sua vez, compunha o quadro efetivo de professores de uma faculdade federal e, no momento da pesquisa, traduzia um romance, além de já ter realizado traduções simultâneas em diversos congressos.

Ao ser questionado sobre o que seria uma tradução, o tradutor A demonstra um amplo domínio do assunto, chamando a atenção que ao traduzir temos que refletir sobre as “circunstâncias” da tradução, segundo ele: “o modo de traduzir está sempre ligado às circunstâncias. Eu não traduzo da mesma maneira”

Essa afirmação demonstra que ele opta por suas estratégias de tradução de acordo com o tipo de discurso a ser traduzido. Para o tradutor A um bom tradutor é alguém que pensa nessas circunstâncias e tem, segundo ele: “uma relação amorosa com a língua para qual ele está traduzindo”. Em relação às ferramentas que ele usa para traduzir, ele afirma utilizar dicionários digitais e *internet*. E, ao ser questionado sobre as ferramentas que utiliza dentro da rede, ele diz utilizar dicionários, enciclopédias, entretanto não é claro sobre quais seriam estes.

O que nos chama a atenção, entretanto, é seu hábito, segundo o próprio tradutor A de usar o *Google* para criação estatística, vendo qual termo ou estrutura é mais recorrente, ou procurar no *Google* alguns termos ou estruturas que desconheça numa tentativa de inferir, a partir de diversos contextos diferentes, seu sentido no texto de língua de origem e, conseqüentemente, encontrar o melhor equivalente na língua de tradução. Sendo assim, podemos dizer que o tradutor A usa o *Google* para criação de *corpora* para pesquisa.

2 PREPARANDO PARA TRADUZIR

A tradução do tradutor B foi realizada em sua residência, pois lá ele já dispunha de todas as ferramentas que ele dizia necessitar para traduzir e o tradutor A realizou a tradução na universidade na qual trabalha, em um pequeno laboratório montado, para este fim, em uma das salas da universidade. Ambos os computadores, entretanto, tinham velocidade superior a 600kbts/s de conexão com a internet e os computadores tinham instalados os

dicionários digitais “Petit Robert” (francês/francês), “Larousse - Oui” (francês/português) e “Houaiss” (português). Os tradutores tinham, ainda, à disposição os dicionários impressos: “Petit Robert” (francês/francês), “Aurélio” (português), “o dicionário escolar do MEC” (português/francês) e o mini-dicionário “Olim Marote” (português/Francês).

Antes de começar a tradução foi explicado aos sujeitos que eles eram livres para utilizar as ferramentas que desejassem. E que, para registro do protocolo, era necessário falar aquilo que lhe vinha à cabeça durante a tradução - Técnica de “falar alto” proposta por Ericsson e Simon (1987, p. 32-35).

O tradutor B, antes de começar a traduzir, abriu apenas ferramentas *on-line*: “Sensagent” (Dicionário multilíngüe e também monolíngüe), “late” (Dicionário de termos técnicos, cuja sigla significa “Inter-Active Terminology for Europe”), “Wikipédia” (enciclopédia *on-line*) e “Le Grand Tresor de la langue” (dicionário francês/francês)

Durante a tradução o tradutor B fez uso de outras ferramentas: “Wikitionnaire” (dicionário da Wikipédia), “Wordreference” (fórum sobre tradução e significados), “Google.fr e br” (*Google* francês e português), “Google imagem”, “Youtube”, e, ainda, o mini-dicionário impresso “Olim Marote” (português/francês).

O tradutor A preferiu usar apenas os dicionários digitais “Petit Robert” e “Houaiss”, utilizando muito pouco a internet como veremos a seguir.

3 A TRADUÇÃO E SEUS PERCURSOS

Como era de se esperar o tradutor A tinha maior proficiência na língua, tanto de origem, quanto de chegada que o tradutor B. Em geral, quando o tradutor A tinha seu “fluxo tradutório” (CORRÊA; NEIVA, 2000, p. 52) interrompido era para verificar a regência verbal do verbo escolhido como equivalente na língua traduzida, através do uso do “Houaiss”, ou verificar o melhor equivalente para determinado termo, através do “Petit Robert”.

O que chama a atenção é que em nenhum momento o tradutor A opta por utilizar os dicionários impressos, de tal forma que se mostrou, inclusive, espantado ao chegar ao local onde seria realizado o protocolo e se deparou com diversos dicionários impressos, perguntando se não haveria dicionários na memória do computador, pois ele só usava o computador (e suas ferramentas) para traduzir.

Esse questionamento já demonstra que o dicionário impresso caiu em desuso para o tradutor A, e mesmo o tradutor B, opta por utilizar o dicionário impresso somente ao esgotar todas as suas opções.

O tradutor B, apesar de apresentar menor proficiência, demonstrou um “saber-como” amplo, o que o auxiliou a solucionar seus problemas de tradução, como observamos nesta passagem:

“Les relayeurs? ‘Relayeur en tête et se faire battre’. Vou ver o que que é relayeurs. To curioso. Ele apareceu várias vezes. Sensagent... Aqui não achei relayeurs, mas de repente eu acho no Wikipédia francês. Aí eu consigo uma tradução para ele...

No Wikipédia não achei. Vou no late... Nele não acho. Então vou tentar no mini-dicionário... Relayeur não acho aqui. Tem nageurs. Nadadores.

Vou tentar sabe em qual? Tresor de la langue. Para achar uma definição francês-francês...

Relayeurs. Course de relais. Relais?

Course de relays.

(O tradutor vai até o Wikipédia e digita Course de Relais) Hummm.

O que você achou aí?

O que que eu achei? A imagem de corredores. Tem o link para português. Deixa eu ver. Atletismo! Revezamento. Humm. E relayeurs?

O mais engraçado é que tem nageurs. Eu traduzi como nadadores. Agora eu to com dúvida. Vamos ver...

(tradutor busca no Sensagent a palavra Nageurs)

Nadadores!

(...)

Atletistas? Agora vamos ao *Google* Brasil para ver. Atletistas. Atletistas não. Atletas.

To procurando para ver se existe atleta. Atletista. Vê se existe. Relayeurs. Os atletas.

De repente corredor. Corredor. Atletista. Ah lá.

Vou no Wikipédia PT. Atletista. Para ver o que vai dar. Ah! De repente maratonista (...) Bom! Atletismo. Atleta.

Deixa eu ver esse Indemne. To no Sensagent. Procurar a palavra Indemne... Ileso. Tá!

Não saiu ileso. Reconheceu o diretor técnico nacional Claude Fauquet. Nageurs! De novo. Nadador.

Sensagent Nageurs. Ai ó! Nadador. Ah tá, né?

Sobre a questão da ordem dos nadadores, o DTN admitia que deveria, devia falar com Marc Begotti, responsável do relais. Será que é competição? Atletismo? Evento!

Vou no Sensagent ver a tradução de relais. Acho que é revezamento. Só que é natação também. Eu não sei nada de natação. Vou ver aqui. Natação revezamento.

(...)

Fui no *Google* ele me mandou para o Wikipédia. Prova de revezamento! 4x100,4x200”

Ao observarmos essa passagem, notamos, a princípio, que o tradutor B desconhece o significado do termo “relayeurs”. Sendo assim, ele recorre a três dicionários, dois *on-line* e um impresso, e, ainda, a uma enciclopédia *on-line*.

Foi através do dicionário francês-francês *on-line*, então, que o tradutor B encontra “cours de relays”. E, a partir deste ponto, ele retorna à enciclopédia *on-line*, digitando “cours de relays”

O tradutor B, neste momento, demonstra um “saber-como” sobre as possibilidades de uso dessa enciclopédia e pede, através de uma opção possível, uma versão em português do artigo, no qual ele descobre o termo revezamento. Mas, desconhecendo essa modalidade na prova de natação, o sujeito levanta a hipótese de que “nageurs” não fosse nadadores. Hipótese rejeitada através de consulta ao dicionário português-francês *on-line*.

Ao confirmar que “nageurs” eram nadadores, ele procura, através de buscas internas, acepções que façam sentido para si em relação àquilo que ele acredita fazer parte do campo semântico das provas de natação.

E, ao fim, admitindo não dominar o léxico da natação, resolve retornar à enciclopédia e buscar sobre natação, na qual ele descobre a possibilidade de provas de revezamento também em natação, chegando, seguramente, à conclusão que o equivalente de “relayeur” seria revezador e o de “relais” seria revezamento.

Durante toda esta passagem transcrita, observamos que, sem sair da frente do computador (com exceção do dicionário impresso), o tradutor consultou diversas fontes de busca de subsídios externos: 3 dicionários, sendo um técnico (IATE), um monolíngue (Tresor de la langue) e um multilíngue (Sensagent).

Além disso, consultou uma enciclopédia *on-line* e teve a possibilidade de pedir um artigo equivalente na língua de tradução, algo inabitual em uma enciclopédia impressa, ou mesmo digital.

Sendo assim, observamos que o tradutor B, por possuir mais familiaridade com diversas ferramentas de auxílio na tradução, pôde atualizar, a cada momento, suas competências necessárias para a tradução da passagem do texto língua de origem desconhecida. Possivelmente um tradutor com o mesmo nível de proficiência na língua de tradução e na língua de origem que o tradutor B, mas que detivesse menor “saber-como” sobre ferramentas digitais, poderia não encontrar a solução de maneira satisfatória.

O tradutor A, entretanto, usa, para atualizar suas competências, apenas os dicionários digitais. Somente em um único momento o Tradutor A sente a necessidade de utilizar a internet:

“Garantido antes ‘le retour de Lezak sur Bernard’... [Fico a me perguntar... Será que é?... Acho que é o nadador que ganhou o outro da equipe eu acho]... “retour miraculeux”... [Será a passagem? Eu não sei quem é o Lezak...]”

Que houve?

Ah? Nada, é uma coisa do texto... É uma coisa do texto, tem um nome próprio que eu não sei se é o nadador francês ou... Bom! Normalmente eu iria buscar na internet. Eu acho que esse jogo. Essa prova. Vamos ver! Vou acabar achando essa matéria do jornal.

Não. Já saiu do ar.

Bom! Vamos lá. Eu to buscando para ver se eu acho, para ver se esse nome aqui é o nadador adversário que levou o ouro, porque eu também não sei... Ah! Olha aqui. Eu já to percebendo que foi o Lezak que ganhou do Bernad, que virou no final... Achei um site. O melhor da natação mundial... Deixa eu ver...  ! o Lezak   o americano... (???)... Ah   aqui, eu achei na internet... Ele levou 43 centésimos... Exatamente isso... Lezak ultrapassou Bernad.”

Nesta passagem notamos que o tradutor A utiliza a internet como forma de atualizar os seus conhecimentos de mundo, mas ao contrário do tradutor B, ele não possui estratégias de tradução baseadas em ferramentas *on-line*, pois os dicionários digitais suprem sua carência.

Entretanto, notamos que o tradutor A tem maior “saber como” do que o tradutor B em relação às ferramentas digitais, pois o tradutor A ao fazer buscas no “Petit Robert”, por exemplo, ao contrário de B que somente digita o sintagma desejado no espaço destinado   busca, o tradutor A realiza buscas a partir das outras opções que a ferramenta oferece. Como buscar em locuções ou expressões.

Em relação ao tradutor B, outro fato interessante   seu comportamento diante do enunciado “Alain a  t  touch ” que faz referência   imagem do jogo “batalha naval”. “Touch ”   utilizado, no francês, quando algum barco   danificado, mas não “abatido”.

O tradutor B, apesar de desconhecer essa imagem a princípio, pôde recuperá-la através de um fórum (Wordreference) no qual ele digitou a frase e alguém explicou do que se tratava:

“Le touch  no sensagent... Vou colocar aqui para eles responderem.
(wordreference)
(...)
Ah entendi! C'est une image emprunt e   la bataille navale. Tu touches un bateau, tu l'affaiblis. Quand tu as touch  tout le bateau, coul , il est an anti...   bom porque eles respondem rápido... Abalado. Destruído. Coul  no *Google* France. Então! Evitar que Alan Bernad não seja somente abalado”

Em relação ao tradutor A, ele já dominava esse vocabulário. E, finalmente, observou-se que o tradutor B apesar de realizar diversas pesquisas para entender as imagens presentes no texto, na hora de escolher os equivalentes para o texto traduzido, se prendia muito ao texto de origem, sem se preocupar com o público-alvo idealizado, característica dos tradutores iniciantes. Ao contrário, o tradutor A, ainda que compreendesse o texto língua de origem, sempre se questionava se seu público-alvo idealizado entenderia determinada passagem traduzida da mesma forma que ele o entendia.

E, interessante, ao concluir sua tradução e revisão o tradutor B usufrui, ainda, de outra ferramenta *on-line* para confirmar sua compreensão do texto. O site “Youtube”, neste o tradutor pode rever a prova e confirmar sua interpretação do texto língua de origem.

CONCLUSÕES

Ao submeter esse dois tradutores à realização do protocolo verbal alguns fatos podem ser depreendidos. O primeiro e mais importante de todos seria embasar a afirmativa de Evans e Nation (1993) referente à tecnologia: “Tecnologia é uma forma de conhecimento. “Coisas” tecnológicas não fazem sentido sem o “saber-como” (know-how) usá-las, consertá-las, fazê-las”

Tanto os dicionários digitais, quanto os dicionários *on-line*, tornam-se inúteis a um indivíduo que não tenha conhecimento das possibilidades de sua utilização. Motivo pelo qual o tradutor B, por não possuir um “saber-como” em relação ao “Petit-Robert” não encontrou soluções que lá havia quando o consultava.

E, através dos protocolos descobrimos ferramentas que podem ser utilizadas no auxílio da tradução e, ainda, pudemos analisar suas possibilidades de uso durante o processo tradutório. Eis algumas ferramentas observadas:

Google web - Através do “*Google web*” o tradutor pode buscar dicionários especializados, sites sobre determinado assunto para atualizar seus conhecimentos tanto linguísticos quanto de mundo. Mas não somente. O *Google web* permite ao tradutor uma busca paradigmática, ou seja, ver o uso do sintagma em foco em diferentes contextos e, a partir do paradigma apresentado, encontrar a melhor adequação no texto traduzido.

Google imagem – Essa ferramenta do *Google* permite ao tradutor buscar o referente ao qual remete o signo.

Wikipédia – Enciclopédia digital multilíngue e totalmente gratuita. É uma enciclopédia aberta (qualquer pessoa pode editá-la). E, por ser multilíngue, o tradutor pode buscar o assunto em francês, por exemplo, e logo em seguida na opção de idiomas (canto esquerdo abaixo da página) pode pedir a mesma versão em português. O tradutor não encontrará uma tradução do artigo, mas sim um texto sobre o mesmo assunto na língua desejada.

Sensagent – Dicionário multilíngue e monolíngue em diversos idiomas.

Tresor de la langue – Dicionário monolíngue francês. “Le Tresor de la langue” é um dos dicionários mais completos de língua francesa. (100.000 palavras, 270.000 definições e 430.000 exemplos

IATI (InterActive Terminology for Europe)– Dicionário Multilíngue. O diferencial desse dicionário é que ele é especializado em termos técnicos em diversas áreas de conhecimento: Educação, direito, economia, entre muitas outras.

Wordreference foi, de fato, a ferramenta que mais chamou atenção durante a análise dos protocolos, pois esse fórum gerou a possibilidade de consultar nativos ou especialistas sobre o assunto desejado, e, através de uma construção coletiva do conhecimento, o tradutor pôde chegar às suas conclusões.

O *Youtube* também se mostrou uma ferramenta curiosa, pois o tradutor pôde, com simples cliques, recuperar o fato que era narrado no artigo e atualizar seu conhecimento de mundo sobre o mesmo.

O que notamos, ainda, é que um curso de tradução não deveria mais se pautar, somente, em exercícios de tradução, folhas de “falsos amigos” etc. Mas sim ensinar a seus alunos a “onde” encontrar soluções para seus problemas tradutórios, pois a internet apresenta tantas possibilidades de uso que não é difícil se perder pelo caminho. Ou seja, seria papel do curso de tradução, contemporâneo, ajudar o aluno a desenvolver seu saber-como em relação às ferramentas digitais e *on-line*.

Notamos, entretanto, que as escolhas dos percursos a serem adotados durante a tradução estão ligados ao tempo que demandará ao sujeito de o percorrer e a possibilidade de encontrar uma resposta satisfatória ao final deste percurso, sendo assim, o bom tradutor, no contexto do mercado de tradução, seria aquele que encontra a melhor solução no menor tempo possível.

Podemos falar então de eficiência e eficácia da tradução. Baseando-nos no dicionário Houaiss, “eficaz” está ligado ao “como” fazer, enquanto que a eficiência estaria ligada a “o que fazer”. Sendo assim, eficaz seria o tradutor que realiza a tradução através dos percursos menos tortuosos. E o tradutor eficiente seria aquele que realiza uma tradução que atinge da melhor forma possível os objetivos pré-estabelecidos para a mesma.

Ou seja, um tradutor, tanto o experiente, quanto o inexperiente, seleciona as estratégias que consideram mais eficazes para alcançar os seus objetivos tradutórios e, quanto mais próximo destes o tradutor chegar, mais eficiente ele seria.

Levantamos então a hipótese de que “ao ensinarmos ao tradutor inexperiente os alicerces teóricos da tradução e o “saber-como” em relação às ferramentas de tradução, eles poderiam, enquanto ainda não têm ampla proficiência da língua de origem e de tradução, alcançar traduções bem sucedidas (eficientes), ainda que através de percursos mais complexos (menos eficácia)”

Conclui-se então, que as ferramentas digitais, quando nas mãos de tradutores conscientes do seu uso, são importantes ferramentas para auxiliar na geração de uma tradução bem sucedida. E estas podem ser instrumentos fundamentais para o desenvolvimento do tradutor aprendiz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMFIN, Maurício Nunes da Costa; SAMPAIO Fábio Ferrentini. *A Web 2.0, suas tecnologias e aplicações educacionais*. Relatório Técnico – NCE / UFRJ, fevereiro de 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Investigating FL Reading Performance Thought Pause Protocols. *Second Language Research*. Multilingual Matters, Clevedon, Philadelphia, 1987. p. 230-250

CORRÊA, Angela Maria da Silva; NEIVA, Aurora Maria Soares. Estratégias e problemas do tradutor aprendiz: uma visão introspectiva do processo tradutório. IN: MONTEIRO, Maria José P. (Org.). *Práticas Discursivas: Instituição, tradução e literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000. p. 34-52.

CUNHA, Tânia Reis. *Fatores discursivos de interrupção do fluxo tradutório do francês para o português*. 2002. 230 f. Tese (Doutorado em línguas Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. Verbal Reports on Thinking. IN: FAERCH, C.; KASPER, G. *Introspection IN second language research*. Multilingual Matters: Clevedon, Philadelphia, 1987. p. 24-53

EVANS, T.; NATION, D. Educational Technologies: reforming open and distance education. In: *Reforming Open and Distance Education*. London: Koogan, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1998.

PÓVOA, Marcello. *Anatomia da Internet: Investigações estratégicas sobre o universo digital*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

SACRAMENTO, Cristina Jesus do. *Relações entre estratégias de tradução e estratégias de leitura: uma pesquisa introspectiva*. 342f. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Luiz Américo Portela dos. *O processo tradutório: análise de problemas e estratégias de solução em tradução do francês para o português*. 2002. 73f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas– Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. *O uso da introspecção: da técnica de pesquisa para o ensino de leitura*. 1993. 237f. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VINAY, J. P. & DARBELNET, J. *Stylistique compare du français et de l'anglais*. Paris, Les Éditions Didier, 1958.

Recebido em 29 de março de 2010.

Aceito em 7 de novembro de 2010.